

ASBRAM / DIVULGAÇÃO

Mercado de suplementação animal e seus desafios

ASBRAM
Associação Brasileira das Indústrias de Suplementos Minerais

Retomada dos Negócios

Jorge Matsuda*



Os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) até o terceiro trimestre do ano passado revelam números recordes nos abates de bovinos. Mas, o valor bruto da produção pecuária teve queda, de acordo com os cálculos divulgados pela Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). Isso significa preços menores e margens de comercialização mais apertadas para os criadores.

Na verdade, algumas variáveis afetaram negativamente o desempenho da pecuária em 2012. Primeiramente, as estiagens prejudicaram as pastagens nas regiões Sul e Nordeste, com descarte de fêmeas. Em segundo lugar, o episódio da vaca louca, que sempre traz incertezas para a comercialização. Por último, o aumento dos preços nos grãos com a seca nos Estados Unidos.

Para 2013, a perspectiva é de um mercado mais favorável em termos de preços. Os custos de produção permanecem pressionados, as exportações tendem a aumentar e a oferta de machos não parece aumentar. É claro, o escândalo com a presença de carne de cavalo em alimentos na Europa levanta novas preocupações sobre o seu reflexo nas exportações brasileiras e no consumo de carnes no continente.

Com as boas previsões climáticas previstas para os próximos meses e o trabalho de maior racionalidade empreendido pelas empresas, o setor de suplementos minerais opera na expectativa de recuperar a queda de vendas acima de 15%, registrada em 2012. A utilização desse insumo importante não passa de um terço do potencial existente de consumo no rebanho bovino nacional.

Para terminar, cabe oportunamente deixar registrado que a ASBRAM deverá estar focada em duas ações para ser desenvolvidas ao longo deste ano. Temos trabalhado de maneira incessante na isenção do PIS/COFINS nos suplementos minerais para alimentação animal, como parte da desoneração da cadeia produtiva para melhorar a sua competitividade. Além disso, trabalhamos também com a programação do 8º Simpósio da ASBRAM, a ser realizado nos próximos 21 e 22 de novembro.

*Presidente da ASBRAM

Alimentação animal

Entre os maiores produtores e exportadores de carne, faz todo sentido o Brasil ser o terceiro maior produtor de nutrição animal, atrás dos Estados Unidos e da China. O setor possui três segmentos. Do primeiro, fazem parte as rações comerciais ou rações prontas; do segundo, participa o suplemento mineral para consumo por bovinos e equinos; o terceiro é do chamado *premix*, conjunto de micronutrientes, como vitaminas e minerais. Em todos eles, há pulverização de empresas e, muitas vezes, concorrência por preço e qualidade.

A cadeia produtiva de carne bovina opera em modelo diferente. Os grandes frigoríficos adquirem as matérias-primas de criadores, que, normalmente, são supridos por empresas especializadas em nutrição animal. Nas aves e suínos, as empresas industriais controlam o processo pelo sistema de integração, com o fornecimento dos insumos para os produtores.

O mercado brasileiro de alimentação animal movimenta anualmente R$ 16 bilhões e conta com quase 2.500 empresas, para produzir 70 milhões de toneladas. A maior contribuição para esse faturamento vem da produção de ração para aves e suínos. Estes dois segmentos respondem por aproximadamente 70% da quantidade fabricada, enquanto a participação da pecuária gira em torno de 16%.

No setor agroindustrial da carne nacional, assiste-se à compra e venda de empresas na busca de escala de produção e redução de custo. Esse processo, chamado de consolidação, chegou também ao setor de nutrição animal, com as mudanças nos controles acionários das empresas, diante da entrada de grupos internacionais.

Em 2012, a companhia holandesa Nutreco anunciou, no primeiro semestre, a meta de dobrar o faturamento, com base numa forte estratégia de aquisições. Assim, em:

• março, anunciou a elevação da sua participação de 51% para 97% na *joint venture* formada em 2009 com a brasileira Fri-Ribe; e,

• em abril, na área de suplementos minerais para ruminantes, fez a aquisição da Bellman. Esta empresa possui uma unidade no município de Mirassol (SP), com programa para inaugurar uma segunda planta, localizada no Mato Grosso. Seu faturamento anual é de R$ 90 milhões, com forte atuação no Centro-Oeste.

Com essas operações, a Nutreco passou a controlar quatro empresas do segmento no País: Belmann, Nutreco Fri-Ribe, Selko e Sloten. A soma do faturamento delas beira R$ 310 milhões por ano.

Além do segmento de ruminantes, a também holandesa DSM ampliou a participação em aves, suínos, caprinos, equinos e ovinos. No maior lance de seu processo de consolidação e desnacionalização, a companhia adquiriu por 465 milhões de euros Tortuga, uma das maiores companhias nacionais do segmento no País e uma das últimas grande empresas de capital nacional. Com isso, alçou a liderança global do mercado de nutrição animal para ruminantes.

Com sede em Mairinque (SP), fundada em 1954, pelo imigrante italiano Fabiano Fabiani, a Tortuga era considerada como uma pérola no mercado de suplementos minerais e ração para bovinos, que movimenta cerca de R$ 5 bilhões por ano. Em 2011, com cerca de 1,2 mil funcionários e três fábricas, teve um faturamento de R$ 939,22 milhões.

Com diferenças não significativas, as pesquisas de mercado e os levantamentos de diferentes fontes traçavam uma estimativa para o *ranking* do mercado nacional de ruminantes em 2011: a liderança ficava com a Tortuga, entre 22% a 24%, seguida pela Matsuda, com 11% a 13%, e pela Premix, com 5% a 7%.

Em curto prazo, portanto, o mercado de nutrição animal passou a ser dominado por quatro multinacionais: as holandesas DSM e Nutreco, a francesa Evialis e a americana Cargill.



ASBRAM / DIVULGAÇÃO

Isenção de PIS/COFINS



ASBRAM / DIVULGAÇÃO

A produção pecuária nacional passou um longo período de preços baixos entre 2003 e 2007. Em contrapartida, o aquecimento dos preços das *commodities* internacionais, como os produtos minerais, onerou os custos de produção. O abate de matrizes atingiu níveis históricos recordes. No período pós-2008, os preços da arroba melhoraram, mas a crise financeira global afetou o comportamento da cadeia produtiva.

Certamente, nessa conjuntura, a produção pecuária nacional não fica incólume. O embargo da União Europeia e o caso da vaca louca devem ser entendidos como episódios que podem fazer parte, a qualquer momento, de um setor com negócios globais e mais expressivos do mundo.

Como, para o progresso dos produtores rurais brasileiros, é recomendável a utilização dos insumos tecnológicos, nada mais correto do que o raciocínio de desonerar a incidência de PIS e COFINS sobre as rações e suplementos minerais.

Nesse sentido, tramitam no Congresso Nacional projetos de lei para o fim da cobrança dos tributos para ração e suplementos minerais. A medida trará um conjunto de benefícios. Primeiramente, diminui os custos de produção e dá condições para diminuir o preço da carne e do leite. Em segundo, estimula ganhos de produtividade e melhora a qualidade dos produtos. O resultado, no conjunto, é a melhoria da competitividade de todo o setor.

Em agosto de 2012, o deputado Alceu Moreira (PMDB/RS) apresentou o projeto de lei (PL 4378) com a solicitação de alíquota zero para o PIS/PASEP e COFINS incidentes sobre operações com produtos destinados à alimentação de bovinos, ovinos e caprinos. No início de setembro, o senador Assis Gurgacz (PDT/RO) protocolou a PLS 319/2012, que prevê que o tributo de 9,25% não seja cobrado na comercialização do ácido fosfórico, da ureia pecuária e do fosfato bicálcico, itens comuns na composição dos suplementos minerais.

Essas iniciativas vêm de encontro com a Medida Provisória 582/12, publicada pela presidente Dilma Rousseff, que amplia o benefício da isenção para as cadeias de aves, suínos e pescado, além de outros produtos de outros setores. Antiga reivindicação do setor, a pecuária solicita a isenção isonômica à concedida a outros setores produtivos.

Indispensáveis ao bom funcionamento do organismo animal, apesar de representarem somente 5% do seu corpo, os nutrientes minerais contribuem com grande parte do esqueleto (80% a 85%) e compõem a estrutura dos músculos. Por isso, a boa prática da mineralização é fundamental para o desempenho zootécnico do rebanho.

As pesquisas mostram os resultados proporcionados pela administração de uma boa mistura mineral. Os bovinos criados no pasto podem aumentar a sua capacidade de ganho na ordem de 20% a 50%, na taxa de natalidade, e de 20% a 30%, na taxa de ganho de peso. Além disso, os índices de doenças e de mortalidade nos rebanhos sofrem redução significativa.

Segundo a Embrapa Gado de Leite, a ração concentrada e o suplemento mineral respondem por 59,7% do custo operacional efetivo do leite. Se a alíquota de PIS/COFINS desses insumos fosse zerada, o produtor teria um ganho de R$ 0,04 a R$ 0,05 por litro de leite produzido.

Já, na pecuária de corte, a suplementação mineral representa mais de um quinto do desembolso do produtor, dos quais dois terços referem-se ao fosfato bicálcico. Com redução da alíquota do PIS/COFINS para zero, haveria economia de R$ 1,00 por arroba produzida. Esses cálculos corroboram o ganho de competitividade do pecuarista brasileiro, diante das suas recorrentes crises.

Existe uma forte relação entre o suprimento de suplementos minerais e a rentabilidade da pecuária. Quando a atividade vai bem, o criador fica estimulado a aprimorar o padrão nutricional das criações. O inverso acontece quando a conjuntura vira para baixo e a prática do fornecimento de somente sal branco aumenta.

Peso do fosfato bicálcico

O comportamento da demanda mundial por ácido fosfórico possui influência direta na produção do fosfato bicálcico, pois ele é a matéria-prima fundamental. Como 90% da produção de ácido fosfórico são utilizados pelos fertilizantes, apenas 10% sobram para uso em alimentação animal e humana. Como é a principal fonte de fósforo dos sais minerais, isso agrava ainda mais a situação.

No mercado mundial de fosfato bicálcico, os maiores consumidores são China, Índia, Estados Unidos e Brasil. Do lado da oferta, os grandes fornecedores são Marrocos, Rússia, Tunísia e Jordânia. Como as jazidas existentes já atingiram 95% da capacidade de produção, não há previsão de aumento da oferta mundial em curto prazo. Por outro lado, as novas jazidas levam, no mínimo, quatro anos para se habilitar a entrar em funcionamento.

Como elemento mais utilizado em misturas minerais, é natural o acompanhamento mais próximo de seus preços. O lançamento de produtos sucedâneos é uma das opções tecnológicas e mercadológicas para as empresas. Existem as fontes de fósforo não tradicionais, como fosfato de rocha, o superfosfato triplo e outros fosfatos agrícolas. Neste momento, ganha peso a análise de viabilidade, em termos da produtividade e qualidade, principalmente no quesito metal pesado, que será rastreado e cobrado com muita enfase pelos organismos internacionais e nacionais na questão de segurança alimentar.



ASBRAM / DIVULGAÇÃO

Aposta na tecnologia

Trabalho realizado pela Assessoria de Gestão Estratégica do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), a partir da análise de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), aponta redução de 7,88% na área de pastagem, enquanto a produção pecuária brasileira dobrou em trinta e seis anos.

Apesar dessa evolução constante – já que, na década de 60, eram necessários 2,5 hetares por animais –, os dados indicam ainda um uso muito extensivo da terra. A lotação média pode dar um salto para 1,5 cabeça por hectare, quando se considera alternativas tecnológicas mais intensivas, como a correção do solo, adubação na formação das pastagens, uso das forrageiras melhoradas, suplementação mineral e manejo reprodutivo e sanitário eficientes, dentre outros.

Para conciliar os interesses entre a preservação de florestas e a necessidade de ampliação da área destinada à agropecuária, vem à tona a questão de desmatar ou não ampliar a produção no campo. Uma parte significativa da resposta está na ponderação de que um pequeno aumento de produtividade na pecuária bovina poderia mais do que dobrar a área disponível para as lavouras.

A medição dos ganhos de produtividade obtidos pela bovinocultura de corte é muito complexa, dada a heterogeneidade e a dispersão geográfica da atividade no País, além da própria precariedade de controles para avaliações mais objetivas. De fato, os ganhos de produtividade ocorrem, mas não são significativos na média.

Os ganhos são mais perceptíveis em algumas áreas. É o caso, por exemplo, da nutrição, em que avanços aconteceram no manejo de pastagens e no fornecimento de suplementação na estação seca/inverno. O resultado observou-se, principalmente, na redução da idade média de abate e no aumento do peso das carcaças, com reflexo geral na melhoria da nutrição do rebanho.

Também o apuramento genético e o tratamento sanitário mostram melhorias inegáveis em conjunto à gestão do negócio. Isso se expressa em melhores taxas de nascimento e mortalidade, com aumento do desfrute do plantel.

Enfim, existe amplo espaço para ser ocupado com ganhos futuros de produtividade, principalmente se for considerada a existência de criadores, notadamente os de menor porte, mais lentos na adoção de inovações tecnológicas. Não se trata somente da escassez de recursos financeiros, mas também da falta de conhecimento e incapacidade para empregá-los. ■

Brasil: Rebanho e área de pastagem

Item	Unidade	1975	2011	Variação %
Rebanho	Milhões de cabeças	102,0	204,0	100,0
Pastagem	Milhões de hectares	165,0	152,0	7,88

Fonte: IBGE